

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Rodactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V — Número 1.499

Domingo, 14 de Outubro de 1923

PREÇO — 20 CEITAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º □ Lisboa — PORTUGAL
TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

A BATALHA publicará de-
pois de amanhã mais revela-
ções sensacionais acerca do
barco russo que está no Tejo



ESTÁ EM LISBOA UM NAVIO DA RÚSSIA SOVIETISTA

A BATALHA que conseguiu descobri-lo envia a bordo o seu «reporter» que colhe sensacionais impressões.—Desenham-se a traços leves a vida a bordo do primeiro barco soviético que se aventura a atravessar o Atlântico—Diz-se das opiniões agradáveis que a tripulação vermelha possui acerca das autoridades marítimas do nosso país

Amanhã de ontem surgiu chuvosa e tristonha e lamaçenta. Para quem está habituado à luminosidade intensa da península e ainda há pouco soprova, quasi asfixiado, sob o peso formidável dum calor de fornalha! apenas comparável ao eterno estio das regiões equatoriais, uma manhã assim é causa duma melancolia profunda que nos mergulha a alma em preságios terríveis, que nos obriga a olhar as costas e os homens através das lentes negras dos filósofos pessimistas.

Quando um amigo nosso, daqueles que andam sempre no segredo dos Deuses, nos disse ao ouvido, ali no Chiado, que se encontrava no Tejo um navio russo, encolhemos os ombros indiferentes, com sa a entrada dum barco soviético no nosso porto fosse tan natural como a chegada dum vapor holandês carregado de carneiros. Encolhemos os ombros, deixando um pouco desapontado o nosso confiante, e seguimos caminho absorvidos na tristeza de viver.

Uma história que vem a propósito

Os leitores conhecem o *Mandarin* do Esq. de Queiroz, esse ironista fino que tam bem estudou a alma humana? Um burocrata modesto que não tinha ambições, que se habituara a viver com uns miseráveis cobres mensais, escassos, esticados, medidos estreitamente para as despesas da pensão e dos colarinhos de goma, compra um dia, na Feira da Lada, um velho alfarrábio para na sua leitura se entreter à noite até chegar o sono. Num desses serões pacatos de leitura sonolenta, o nosso empregado público é um conselheiro diabólico à páginas tantas.

Queres ser imensamente rico? — pregaunava-lhe o velho livro no tom mais natural desse mundo — faz illinar essa campanha que tens aí teu lado e morrerá na China uma poderosa mandarin que te legará toda a tua fortuna.

O nosso burocrata, tímido, medroso, incrédulo, quiz passar à outra página sem ligar importância aquela passagem estranha do velho livro misterioso.

Como nós perante o nosso confidente encolhemos os ombros num gesto de indiferença. Mas, de súbito a pregunta diabolicamente tentadora, começou a balar-lhe no cérebro. O homem hesitou, meditou, medi as responsabilidades do crime praticado dum maneira tam sim-

plies. A abastança, a grandeza, a felicidade que uma fortuna de cento e tantos mil contos lhe poderia proporcionar decidi-o. E o empregado público teve um momento de audácia — premiu o bocejo de campanha e deitou-se sossegado. Meses passados, quando tudo havia esquecido, a riqueza entrou-lhe pela porta dentro, de surpresa, ruidosa, magnífica. O mandarin tinha realmente morrido.

Também a confidência daquele nosso amigo principiou a bailar no nosso cérebro, como a ante-visão da fortuna no espírito do empregado público. Antegosmos as delícias dum reportagem sensacional. E como o leitor do velho livro que premiu a campanha, nós, saímos bruscamente da apatia, desatámos a correr, sob a chuva impiedosa, até à margem do Tejo. O navio russo lá estava, a bandeira vermelha tremulando no mastro.

Um temporal que nos deixa indiferentes

SIMPLEMENTE aterrador o tempo rai de ontem. O vento inquietoso ameaçava elevar-nos no ar, como uma bola leve de algodão, como uma cousa insignificante que uma força invisível e infernal manejasse à vontade. As ondas altas e sucessivas invadiam o galopin, e agitavam-no num balado perigoso.

Mas nós esquecemos o perigo. Os olhos fitos ao longe, o corpo hirto, enccharcado pela chuva, a impressão de que aquela curta viagem pelo Rio era mais demorada do que uma perigrinação em torno do mundo.

Estavamoos perto. O navio é pequeno, discreto, passa quase despercebido no estuário largo, já lhe distinguimos o nome — o *Rylejeff*. Cabeças de marinheiros, olhares tristes e desconfiados assomaram à amurada. Um cabo atremesso do nosso gazolina frágil descrevem uma parábola no horizonte pardacento e tempestuoso. A atração era difícil. A curiosidade deusos, porém, uma agilidade de palhaços, alguns saltos de arriscado equilíbrio — levaram-nos, costado acima, e entrámos no tombadilho do primeiro navio bolchevista que visitou Portugal.

Um sarilho de idiomas—A dor de não se compreender

FOMOS rodeados por marinheiros que nos olhavam, curiosos, fomos para

exteriorizar, em meia dúzia de berros, acompanhados de gesticulação abundante e meridional, a nossa satisfação, a nossa profunda alegria de nos encontrarmos entre gente amiga, mas, lembrámo-nos subitamente de que não conhecíamos uma única palavra russa e quedámo-nos hesitantes. Depois falámos em francês — e ninguém nos comprehendeu. Ensantamos timidamente o inglês — e nada. Experimentámos o alemão — resultado nulos. Alírâmos quatro palavras em mau castelhano — e as palavras escaíram-se no vento tempestuoso, sem acordar o eco dum resposta.

Corrida o tecido dos nossos conhecimentos de poliglota, num gesto, acompanhado dum sorriso aconchegador conviaram-nos a penetrar num dos corredores. Lá dentro, vieram a nosso encontro mais caras tristonhas de russos — os russos são tristes e temem os olhos-hondadores — espreitando-nos interessados.

Eram muitos agora. Perguntámos em inglês pelo capitão e, com alegria notável, se nos dirigia vivamente em inglês mal pronunciado:

— Do you speak english?
— Yes.

Foram chamar o capitão. Entreolhámos-nos sorridentes, conversando com os olhos desejosos de dizer o que a boca não sabia. Presentíram em nós os camaradas. Puxámos dum exemplar de *A Batalha* e explicámos em inglês que éramos redactores do jornal operário. Veiu a confiança, estabilizaram-se nos lábios os sorrisos benévolos e sentimo-nos irmãos.

Quem é o capitão — O seu contentamento por receber-nos

O capitão, o camarada Saenko, chegou. É um indivíduo alto, forte, meia idade, o rosto todo rapado, cabelo louro cortado à escovinha que nos dá a primeira vista, impressão de calvície. Veste como os marinheiros — nem melhor, nem pior. Sorri poucas vezes, mas quando sorri inspira confiança. Não fala senão russo. Por isso convidou-nos para mimica a descer a sala de jantar, Escemos a escada ingreme.

Um marinheiro de cabelo ruivo aproximou-se e perguntou-nos:

— Compreendem espanhol?

Foram surprezas agradabilíssima. Tinhamos um intérprete, e abanados conversámos.



Preparando a comemoração do 1.º de Maio, a bordo do *Rylejeff*, em Petrogrado.

marinheiros comiam sóbriamente, uma rapariga nova, bonita, olhos espertos, cabelos caslhanos, elegante, gordida mesmo, a uma ponta da mesa converteu, soltando gargalhadas com gosto, única nota de alegria ruivosa entre os rostos melancólicos da tripulação.

Um marinheiro de cabelo ruivo aproximou-se e perguntou-nos:

— Compreendem espanhol?

Foram surprezas agradabilíssima. Tinhamos um intérprete, e abanados conversámos.

Nós preguntámos mais coisas da Rússia do que eles de Portugal.

E o capitão foi incansável, como um bom papá que responde com prazer às dispartadas perguntas dos bebés, em satisfazer a nossa curiosidade.

— O período da fome — opôs ele a uma observação nossa — já passou. A Rússia possui agora trigo de sobra. Hoje existe já a super-produção. Daí a nossa necessidade de expansão.

— A vossa viagem obedece então...

— ...A essa necessidade. Vimos estudar a maneira como somos acolhidos nos diferentes países, pretendemos reatar relações com os outros países.

— Há quanto tempo se encontram em viagem?

— Há dois meses e meio. Vimos de Petrogrado. Desemos a Dinamarca, detivemos-nos algum tempo em Hamburgo, passámos à Holanda, fomos a Brest e de Brest vimos a Lisboa.

— E onde foram melhor recebidos?

— Na Alemanha e em Lisboa. De Lisboa temos até uma impressão agradabilíssima. Em todos os portos, a polícia desconfiada passou-nos buscas rigorosas, nada ficou por revisar. Sentimos da parte das autoridades uma desconfiança um pouco vexatória. Em Brest nem sequer dentro do porto nos franquearam a entrada — ficamos ao largo. Em Lisboa, porém, procederam para connosco com a mesma gentileza usada para com os demais embargos estrangeiros. Não nos esqueceremos de na Rússia apontar o procedimento correcto dos portugueses.

— Perfeitamente idêntica à do homem — responderam-nos. — Com os mesmos direitos e os mesmos deveres. Há mulheres oficiais de marinha.

— Acabava de chegar um barco com mantimentos.

Feodóssia colocou sobre a barca algumas belas cachos dourados. E quem veio vontade comeu, sem pedir licença ao capitão, sem curvar a espinha numa solicitação reles, como nós costumamos ver nos povos civilizados.

— Feodóssia gosta de uvas?

— Até à vista

A bordo há apenas uma pessoa que nos recorda a sua existência. É o delegado da União dos Marinheiros Russos. O capitão tem o dever de consultar sempre esse delegado antes de tomar qualquer resolução.

Perguntámos qual era a situação da mulher na Rússia.

— Perfeitamente idêntica à do homem — responderam-nos. — Com os mesmos direitos e os mesmos deveres. Há mulheres oficiais de marinha.

— Acabava de chegar um barco com mantimentos.

Feodóssia colocou sobre a barca algumas belas cachos dourados. E quem veio vontade comeu, sem pedir licença ao capitão, sem curvar a espinha numa solicitação reles, como nós costumamos ver nos povos civilizados.

— Feodóssia gosta de uvas?

— Até à vista

Mário DOMINGUES

A SITUAÇÃO DOS PRESOS

À quem exigir responsabilidades? Em face de todas as autoridades as alijarem, so o sr. Antônio Maria da Silva tem o dever imperioso de providenciar sem demora

Em cada dia que passa, mais se vão amontonando as provas de que da parte de quem superintende nos serviços da polícia há o propósito firme de sacrificar trabalhadores aos caprichos de alguém que parece manejá-la sombra.

Não há provas contra os operários presos há mais de três meses; não se justificam as prisões que sucessivamente se vêm fazendo; não há razão para as perseguições constantes que se verificam.

É, portanto, um crime o que se está cometendo e de que o governo é cúmplice e muito especialmente o sr. Antônio Maria da Silva como presidente do ministério e ministro do interior.

Todas as autoridades se desculparam e alijaram responsabilidades. Não dizem, porém, quem ha de providenciar, mais parecendo que se vive «sem rei nem roque», porque ninguém das autoridades indica quem se devem pedir responsabilidades do que se passa?

Indubitavelmente só o sr. Antônio Maria da Silva tem de dar uma satisfação formal e categórica, em virtude de os seus subordinados afirmarem que não tem responsabilidades nas prisões que se tem efectuado nem dizerem nada sobre a situação dos presos que precisa ser esclarecida quanto antes, por que é um crime o que se vem prestando.

Mas o sr. Antônio Maria da Silva desaparece, eclipsa-se, com missas de confissão a comissões que pretendem traifar de assunto e torna-se invisível, escapando, como se os remorsos do seu procedimento anti-humanos o persgam constantemente, como se as vozes lugubres saídas do fundo das casamatas o desorientassem, e as lágrimas das mães, das companheiras e dos filhos dos presos lhes caíssem escaldantes sobre o coração empedrenido!

O sr. Antônio Maria da Silva, se o país lhe exigir a declaração dos motivos por que mantém presos há mais de três meses, de operários, não pode fazer, vez se embarracado para justificar tamanha arbitrariedade.

por que as prisões efectuaram-se por um simples capricho.

Porém, toda a gente honesta, todos os homens de coração, todo país, enfim, tem o direito de exigir responsabilidades ao sr. Antônio Maria da Silva do crime que se vêm praticando contra os operários presos. O presidente do ministério tem o dever de declarar a situação desses presos que permanecem a sua ordem em São João da Barra e no governo civil. Quanto a estes em liberdade ou entregue-los a tribunais!

Concretizemos os factos para justificar a razão destes comentários. A comissão que vem tratando da situação dos presos de São João da Barra e governo civil, e dos ferrovários também, procurou mais uma vez antecedentes do governador civil que era o dr. Clemente Gomes no impedimento do sr. Viriato Lobo, já dissemos ontem o que se passou e que se resume isto:

Exigimos àquele senhor uma aclaracão formal e completa porque é o único responsável como presidente do ministério e ministro do interior.

Exigimos àquele senhor que se resümam todas as suas ações e que se resuma o que se resumiu isto:

Um que não espancou mas fez costas

A Batalha acusou os agentes Almeida «Malbado», Soares e Araújo, da D. S. de terem agredido barbaramente, selvaticamente, alguns presos. Ontem à tarde, os presos Alvaro Damas, José Gomes e José Alves dos Santos (a este que é o mais ferido) não compareceram a conferir com o dr. sr. Clemente Gomes, que continua a substituir o sr. Viriato Lobo, para a sua frente, e na de reporteres do «Século», «Diário de Notícias» e «Imprensa Nova», declararam-se de facto ele os que havia agredido. Afirmaram aqueles presos que o agente Araújo não os agrediu, pois fizera confusão de nomes, mas que assistiu, como guarda-costas, aos espâncamentos de que foram vítimas diversas vezes, durante a sua longa incommunicabilidade, por parte do «Malbado», e mais quatro agentes dos quais não sabem o nome, mas que reconheceram imediatamente se lhos apresentaram.

O sr. Viriato Lobo continuou a afirmar que não queria assumir responsabilidades a que outros cabem. Diz ter procurado o ministro do interior para saber qual a atitude a tomar sobre os presos, pois lhe reconheceram de maneira a que os escrúpulos do agente Araújo, que não espancou mas assistiu, fossem seguidos por esses seus colegas.

Era uma questão de termos dignidade

para a fazer — assumir a responsabilidade dos seus actos.

Giovanni Michaeli declarou a greve da fome

Há cerca de três meses foi preso o operário Giovanni Michaeli, não tendo até hoje definida a sua situação.

Desesperado com tal altitude, resolveu declarar a greve da fome, encontrando-se sem comer desde quinta-feira à noite. Ontem foi chamado ao sr. Marques Ferreira para explicar a este os motivos de tal resolução. Michaeli disse que desejava aclarada a sua situação e não comeria enquanto assim não fizesse. O sr. Marques disse-lhe que o seu caso dependia do consul italiano e que obrigaria a comer de qualquer forma.

Impõe-se o dever de acabar com estas situações indefinidas.

O ferroviário João da Cruz Cebola, de quem não se sabia o paradeiro, esteve incomunicável na esquadra do Caminho Novo, tendo ontem regressado aos quartos particulares do Governo Civil.

«Porque motivo esteve incomunicável no seu ferroviário?

— Para os quartos particulares também foram transferidos ontem os ferroviários Antônio Maria dos Santos, Mariano da Costa e Francisco Zorro.

Os armadores de navios

pretendem restabelecer
a escravatura a bordo

Uma análise ao seu regulamento

Os senhores Armadores ao elaborar o seu regulamento, só tiveram o intuito de desvirtuar as causas do seu verdadeiro objectivo, ou então, demonstrar provas da sua incompetência, em matéria de navegação.

Analisemos o capítulo primeiro:

Todo o armador teria uma inscrição de pessoal do onde o capitão escolher livremente a sua tripulação.

Isto é irrisório.

Osmarinhos de longo curso — com o princípio moral que muitos os glorificam — tem mantido nos seus sindicatos escaias de embarque para que o trabalho chegue à árida, ver-se-iam amanhã impedidos de embarcar, pois só embarcariam aqueles, que os srs. Armadores entendessem que deveriam inscrever nas listas.

No capítulo II: Os vapores de carga de 750 até 5.000 toneladas passariam só a andar com 4 marinheiros e 2 moços, 1 fogeiro por cada 4 bocas de fôrmas na cada quarto, único auxiliado, e o paoleiro seria um praticante, 1 dispenseiro criado de câmara, 1 cozinheiro, 1 paoleiro, que serviria de ajudante de cozinha, e ainda... pintor da mesma.

Aqui dão os srs. armadores provas de incompetência, — a não ser que, estes senhores queiram fazer dos navios moto-contínuos.

Então os vapores «S. Tiago», «Donato», «Gaias», «Melo», «Extremadura», etc., cuja tonelagem é de poucos ou menos de 5.000 toneladas, poderiam seguir para o mar com o pessoal acima indicado?

Ilusão óptica e nada mais.

Dizem os srs. Armadores que os navios que mais pessoal trazem, são os portugueses.

O que é interessante é que todos os navios portugueses têm sido adquiridos no estrangeiro. Pois a estas como os navios ex-alemanes nunca foi necessário aumentar-lhes beliches ou alojamentos. Muito pelo contrário em alguns nem meteram tanto pessoal como eles traçaram quando embandeados por banderas de outras nacionalidades.

No capítulo III (Honraria do trabalho):

O pessoal no pôrto de armamento passaria a trabalhar 9 horas dia, quando é certo que ainda não foi revogada a lei que estipula as 8 horas de trabalho diário, e ficaria a bordo sempre que lhe fosse ordenado, sem direito a renumeração alguma.

A navegar, o pessoal de fogo trabalharia 70 horas por semana, do convés 84, e de câmaras 98 e ainda a que os oficiais ordenassem.

O cozinheiro deverá começar o serviço a 5 horas da manhã, terminando-o conforme as suas exigências — isto é, trabalhará 24 horas por dia, sem direito a remuneração alguma — desde que

LISBOA NA RUA

SOCIEDADES DE REGREJO

Atropelamento

No banco do hospital de São José, recebeu ontem curativo António João Hácio, de 25 anos, limpador de vias da Companhia Carris de Ferro, e residente na sua Rua Andrade, 40, cava, que na ocasião de apesar-se de um carro eléctrico, no Socorro, foi colhido por uma moto, ficando muito contuso pelo corpo.

Arma que se dispara

Na sala de observações deu ontem entrada, onde foi transportado num antonável Cruz Vermelha, Rafael Pereira dos Santos, de 3 anos, filho de Sebastião dos Santos e de Elvira dos Santos e residente em S. Martinho do Porto que quando um outro menor meia numa espingarda carregada com pólvora a arma disparou-se indo a carga atingir aquele queimando-o bastante no rosto.

Queda

Na enfermaria de São José, deu ontem entrada José Meade Barroca, de 32 anos, carpinteiro, residente no Cartaxo que ali caiu da coroza que guia fixo com uma perna fracturada.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rosas, e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampons. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, E a casa que fornece em melhores condições.

OS MISTÉRIOS DO PVO

A BRAGA DO GRILHETA

POR

EUGENE SUE

14-10-1923

IV

A desumana lógica deste sacerdote repugnava ao senhor de Plouernel; apesar da infatuação deste último e das suas preocupações de raça, opinava mais pela época actual: sem dúvida que teria preferido o reino dos seus reis legítimos; mas não reflectiu que quem quer o fomprender os meios, e que uma completa restauração, absoluta, para ser durável aos olhos dos seus partidários, não podia ter lugar e sustentar-se se não pelos terríveis meios que o cardenal Propanha.

Por isso o coronel replicou sorrindo:

Mas o tio não pensa no que diz? no tempo presente isolar as povoações entre si, é impossível! e as estradas estratégicas! os caminhos de ferro!

Os caminhos de ferro exclamou o

Biografia dum traidor

A classe dos soldados do país e à restante organização operária:

Para que toda a organização operária o soubesse sabendo, a comissão administrativa do Sindicato Único das Classes Metalúrgicas de Olhão faz constar que António Gonçalves Dias, que pelas suas afirmações revolucionárias conseguiu mercer a confiança não só dos soldados, classe de que fazia parte, como das restantes classes organizadas, demonstrou evidentemente a sua obra de traição à causa dos trabalhadores.

Meteu-se na organização sindical com reservas para conseguir a satisfação das suas ambições, traíndo a sua classe no último movimento que teve inicio em 18 de Maio e terminou em 9 de Julho do corrente ano. Por esta ocasião, tendo vindo a Lisboa, como delegado da classe em greve, para com os delegados da Federação Metalúrgica tratar junto do ministro do Interior da solução do conflito, aproveitava o encontro para se avistar com vários industriais afim de assentear na venda da sua consciência e receber o prémio da traição. Quando regressou a Olhão foi trabalhar, fazendo-se acompanhar na ida e volta para a fábrica por dois soldados da guarda republicana, enquanto os seus amigos camaradas se mantinham honrosamente na luta. Esta reles conduzia-lhe o ser esbofeteado por uma mulher que lhe exproubou o seu velho procedimento, não se intimidando com as ameaças do traidor Dias que lhe apontou uma pistola de que andava armado.

O prémio da sua tração foi o proporcionar-lhe tornar-se sócio da fábrica onde trabalhou durante a greve.

Nos portos fundeado o trabalho seria de sol a sol em dias úteis, e aos domingos o tempo necessário para fazer a baldeação e limpeza do navio.

As horas de refeição seriam de meia hora ao almoço e 1 hora para jantar, o matinho, quando o houver — nesse caso nunca haveria — seria antes de inicio do serviço de bordo.

Sobre refeições: cada armador elaboraria a tabela das refeições que estariam patentes a bordo.

Em conclusão, os marítimos ficariam condenados a trabalhar de noite e de dia, sem direito a cesta alguma.

E chamava a este regulamento, s. ex. o sr. Freitas Ribeiro, na entrevista concedida ao «Diário de Notícias», uma plataforma para melhorar a situação das classes marítimas de longo curso.

Quanto a mim isto não é uma plataforma, mas sim um véxame, um escárnio, que os srs. armadores atrairam à terceira das classes marítimas!

Porque não apresenta o sr. Freitas Ribeiro esta plataforma — com que o Estado muito lucraria — na corporação a que s. ex. pertence?

Onde é que o mais pequeno e simples navio tem 100, 200 e mais homens de guarnição? Então, enquanto os trabalhadores (terrestres e fluviais) dormiam todas as noites em suas casas, não lutando com as terribéis tempestades, trabalham 8 horas por dia, querem os senhores armadores impor aos marítimos de longo curso 14 e mais horas por dia?

Não serão os marítimos de longo curso trabalhadores como os restantes?

Ou quererão os senhores armadores, coligidos com as restantes classes da «Patronal» acabar com uma regalia que tanto tem custado a conquistar aos trabalhadores!

Desvaneçam-se disso, senhores armadores, cedendo ganharão.

Silvino NORONHA
Marinheiro sindicado

POR ESSE MUNDO

"A BATALHA"

— na província e nos arredores

ALMADA

12 DE OUTUBRO

Os presos sujeitos ao rigor do frio e mal alimentados!

Já por várias vezes nos temos referido à triste situação dos presos das casas de prisão, pondo ao serviço dos canhões de ferro do Sul e Sueste os seus escravos fardados. Pois é sobre estes o caso que vou relatar.

Passando por uma estação onde alguns militares se encontravam na hora da refeição, aproximei-me deles e perguntei que comiam uma espécie de lagavam que aos próprios suínos repugnava. Então, para saber qual o tratamento que lhes era dado, entamei conversação com um dos militares que na ocasião estava de folga.

Perguntado sobre a quantidade e qualidade do rancho que lhes era fornecido, respondi-me:

— Olhe, camarada, não pode ser mal detestável. Eu lhe conto.

Todos os dias, quando acabado o nosso labor regressávamos a casa, fomos chamados por alguns presos que nos relataram a situação degradante em que se encontravam. Fala um deles:

— Imagine que se aproxima o inverno, e não nos dão mantas para nos cobrirem, nem esteiras onde nos possamos deitar.

— Enquanto durou o verão, essa falta não nos incomodava muito, cá nos íamos remediar, mas, agora, que vem chegando o inverno, como é que nós podemos resistir ao frio sem o indispensável agasalho?

— Morreremos aqui todos, sem que alguém se compadeca de nós!

— Então lembro-nos de lhe perguntar algo sobre a alimentação.

— A comida! — respondeu-nos — é uma verdadeira miséria.

— Antigamente forneciam-nos a comida já feita, e se bem que em porção insuficiente, no entanto nós cá íamos passando. Actualmente não é assim, Dão-nos os gêneros em cru, para os cozinharmos, mas, se visse em que quantidade nos são fornecidos, até pudesse achar que é mais barato achar um esquininho feijões a boiar no caldo, do que o que nos é imposto.

— Recomendo-lhe que come de vez em quando, e que acomida seja desarranjoada, e que seja de frango, mas não correspondente ao rancho, mas representando todo o seu «preço» diário.

— Simplesmente irrisório o que pagam a esses pobres escravos ao serviço numa causa que não conhecem, mas que têm prejudicado lhes é!

Abri os olhos, jovens militares, e atenta em que o papel que actualmente desempenham apena vos degrada.

Universidades, Academias e Escolas

Escola Primária Superior de D. António da Costa. — Previnem-se os alunos e suas famílias que se realiza amanhã, dia 15, pelas 10 horas, a abertura do ano escolar desta escola.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

Foi agraciada com o oficialato de São Tiago a actriz Lucília Simões.

A Empreza do Coliseu dos Recreios vai dirigir convite ao governo, chefe do distrito, imprensa e empresários teatrais para assistirem ao descerramento do medalhão com o busto do falecido emprezário António Santos que, após receber entâo 2840, não só correspondente ao rancho, mas representando todo o seu «preço» diário.

Levantaram-se, senhores, que esses homens não são os culpados de se encontrarem privados da liberdade, mas sim esta sociedade cívica de defeitos, onde por pedantismo se estabelece uma balofiantrópia... — C.

PENICHE

12 DE OUTUBRO

Verdugo de crianças

Indignamo-nos sempre que uma injustiça se nos depara, parta ela donde parta, mas a nossa indignação transforma-se em incontável revolta quando uma injustiça atinge uma criança, débil que não pode opor uma resistência energética aos que a tiram.

Hoje é amanhã, são, no Nacional, irrevergavelmente, as despedidas do «Cabeça de Turco», a peça de maior agrado desse verão, e na qual Joni Costa e Aligrim tem magníficas criações cômicas.

No Apolo a revista de Eduardo Schubach intitulada «O Pé de Meia», obteve, de novo, um assimilado triunfo, valendo entusiásticos aplausos a Companhia Otelo de Carvalho. Repete-se hoje, de certo, com outra encenação, que ontem fôiu à cunha.

CARTAZ

S. CARLOS — A's 21,15 — «A Casa em Ordens NACIONAL — A's 21,15 — O Cabeça do Arrolhos.

S. LUIS — A's 21,15 — A Leitura de Entre Arrolhos.

POLITEAMA — A's 14,30 e 20,30 — Animatógrafo.

APOLIO — A's 21,15 — O Pé de Meia.

VENDETEATRO — A's 21,15 — A Severa das Pegas.

MARIA VITORIA — A's 21,15 e 22,15 — «Fado Corrido».

GIL VICENTE — O Domador de Feras.

CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII) — A's 21,15 e 23,15 — Companhia de circo Varietés — Vacas e Cavalos.

AVENIDA PARQUE (Antigo Parque Mayer) — Recinto de recreios e diversões.

OLÍMPIA — A's 21,15 — Animatógrafo.

CONDES (Avenida) — Animatógrafo.

CENTRAL (Avenida) — Animatógrafo.

GRAL-PINTOS (Rua Ferreira Borges) — Animatógrafo.

IDEAL (Loreto) — Animatógrafo.

ROSSIO (Arcos Bandeira) — Animatógrafo.

PORTIMÃO

12 DE OUTUBRO

Os escravos de farda

Há dias presentímos um caso que merece ser relatado, para que os nossos leitores mais se compenetrem de quanto é vil esta sociedade, mãe carnívora para uns e desumana madrasta para outros.

Como é sabido, os ferrovários do

matechais, e alguns a purpura dos principais da igreja.

Do mesmo modo, entre as mulheres, muitas delas estavam vestidas à corte; mas, ou fosse porque cada um dos pintores tivesse copiado escrupulosamente as exigências da família que pretendia ostentar, feriala filiação de raça não interrompida, o

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE OUTUBRO

S.	5	12	19	26	HOJE O SOL
S.	6	13	20	27	Aparece às 6,44
D.	7	14	21	28	Desaparece às 18,03
S.	8	13	22	29	FASES DA LUA
T.	9	20	26	30	Q. M. dia 5 às 5,50
Q.	10	27	17	24	Q. M. dia 6 às 6,00
Q.	11	18	25	—	Q. M. dia 7 às 6,50

MARES DE HOJE

Praiamar às 5,29 e às 5,52
Baikamar às 10,59 e às 11,22

CAMBIOS

Países	Moc-	Ao	Ontem
	das	par	Comp. ^a
Alemanha	Marcos	812,1	—
Austria	Côrdas	187,8	187,7
Bélgica	Francos	363,44	363,08
Espanha	Pesetas	17,8	17,8
U. S.	Dólares	246,00	245,80
Francia	Liras	17,8	17,8
Holanda	Florins	10,00	9,75
Inglatera	Liras	117,93	121,00
Italia	Liras	17,8	17,8
Suica	Francos	17,5	17,5

MOVIMENTO MARÍTIMO

Vapores e destinos	Dias
Abbekerk, Melbourne, Sydney, Fremantle, Adelaiade e Brisbane	14
Almazora, Madeira, Pernambuco, Bala, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	15
Aurigny, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires	16
Avon, Vigo, Cherbourg e Southampton	17
Flandria, Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdã	18
Rui Barbosa, Funchal, Pernambuco, Bala, Rio de Janeiro e Santos	19
Geopressa, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	20
Gavangot, Southampton, Rotterdam e Hamburgo	21
Cedras, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires	22
Massilia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires	23
Bilbao, Rio de Janeiro, Santos, Paranaú e Rio Grande do Sul	24
Ussamia, Southampton, Rotterdam e Hamburgo	25
Cap Norte, portos do Brasil e Rio de Praia	26

HORARIO DOS COMBOIOS

Paris-Cádiz-Londres	
Partida Sud-Express: às 12,25.—Chegada às 19,20. (Dirigido)	
Madrid-Paris (Dirigido)	
Partida do Rossio às 11,40 (as segundas, quartas e sábados, com lugares de luxo).—Chegada às 15,15 (as segundas, quartas e sextas-feiras), com lugares de luxo.	
Partida do Rossio às 12,25.—Chegada às 19,20. (Dirigido)	

Porto-Galiza

Partidas do Rossio às 10,40, 18,40 e 21,00.—Chegadas às 15,50, 10,45 e 8,1.—Rápidos: Partidas às terças, quintas e sábados às 10,40 e 18,40.—Chegadas às sextas-feiras, quintas e sextas-feiras às 14,40 e 13,21.—Sud-Express: Partida às 12,25.—Chegada às 19,20.	
Elvas, Badajoz e Sevilha	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
C Branco, Covilhã, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Torres, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e 10,30.—Chegadas às 5,45 e 17,30.	
Porto, Caldas, Figueira, Alfarelos e Portão	
Partidas do Rossio às 8,40 e 17,10.—Chegadas às 0,40 e 9,55.—Directo as Caldas: Partida às 18,10.—Chegadas às 10,29.	
Vendas Novas e Vila Real de Santo António	
Partida do Terceiro do Paço às 5.—Chegada às 22,20.	
Sintra	
Partida do Rossio às 21,30.—Chegada às 5,45.	
Coimbra, Guarda	
Partidas do Rossio às 9,40 e	